

Brasileiros lêem, mas entendem pouco

Pesquisa mostra que escolas não ensinam estudantes a fazer leitura corretas

JOAQUIM DE CARVALHO

Uma pesquisa da Universidade Estadual Paulista (Unesp), realizada no município paulista

de Assis, mostra que a maior dificuldade do ensino de Literatura no Brasil não é despertar nos estudantes o hábito de leitura. Entre os alunos de primeiro e segundo graus, há um razoável contato com a linguagem escrita. O problema — concluiu o estudo — é que na maioria das vezes os adolescentes não entendem o que lêem. E, além disso, não se interessam em distinguir as boas das más obras.

“O brasileiro lê”, diz Samir Meserani, professor de Teoria da Literatura da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “Agora, se o que ele lê é bom, aí é outra história.” O número de títulos editados no mundo a cada ano situa o Brasil numa faixa intermediária entre os produtores de livros. Segundo dados catalogados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em 1982, a indústria editorial brasileira colocou no mercado 19.179 títulos de autores nacionais e estrangeiros.

No Japão, um dos mercados editoriais mais poderosos do mundo, saíram 44.253 livros. A produção brasileira superou a do México, país com características sócio-econômicas parecidas com as do Brasil. Nesse país foram editados apenas 4.500 títulos em 1982. O Brasil ganhou também da Argentina, onde 4.200 livros foram publicados no mesmo ano. A tiragem de cada um dos títulos do Brasil, do México e da Argentina não difere muito. Por isso, dizem especialistas como Samir Meserani, a educação brasileira não padece pelo número de publicações. “O aspecto nega-

Estante básica

As obras de leitura essencial, segundo quatro dos mais importantes críticos literários do País*



Antônio Cândido

A demanda do Santo Graal (Autoria desconhecida)
Tom Jones (Fielding)
Ilusões Perdidas (Balzac)
A Cartuxa de Parma (Stendhal)
O Vermelho e o Negro (Stendhal)
Madame Bovary (Flaubert)
Grandes Esperanças (Dickens)
Guerra e Paz (Tolstoi)
Os Demônios (Dostoiévski)
Os Irmãos Karamazov (Dostoiévski)
Malavoglia (Verga)
Os Maias (Eça de Queiroz)
A Ilustra Casa de Ramires (Eça de Queiroz)
Quincas Borba (Machado de Assis)
Esaú e Jacó (Machado de Assis)
Lord Jim (Conrad)
Em Busca do Tempo Perdido (Proust)
O Processo (Kafka)
Memórias Sentimentais de João Miramar (Oswald de Andrade)
Macunaíma (Mário de Andrade)
São Bernardo (Graciliano Ramos)
Fogo Morto (José Lins do Rego)
Doutor Fausto (Thomas Mann)
O Deserto dos Tártaros (Dino Buzzati)
Grande Sertão: Veredas (Guimarães Rosa)



João Alexandre Barbosa

Gargantua e Pantagruel (Rabelais)
Dom Quixote (Cervantes)
Robinson Crusoe (Defoe)
Tom Jones (Fielding)
Tristram Shandy (Sterne)
As ligações perigosas (Laclós)
Orgulho e Preconceito (Jane Austen)
O Vermelho e o Negro (Stendhal)
Ilusões Perdidas (Balzac)
A Casa dos Sete Patamares (Hawthorne)
Moby Dick (Melville)
A ilha do Tesouro (Stevenson)
David Copperfield (Dickens)
O morro dos Ventos Uivantes (Emily Bronte)
O retrato de uma Senhora (Henry James)
Almas Mortas (Gogol)
Oblomov (Gontcharov)
Os demônios (Dostoiévski)
Ana Karenina (Tolstoi)
Madame Bovary (Flaubert)
Os Maias (Eça de Queiroz)
Dom Casmurro (Machado de Assis)
O Processo (Kafka)
Em Busca do Tempo Perdido (Proust)
Ulisses (Joyce)



Alfredo Bosi

Dom Quixote (Cervantes)
O Vermelho e o Negro (Stendhal)
I Promessi Sposi (Manzoni)
O Pai Goriot (Balzac)
O Morro dos Ventos Uivantes (Emily Bronte)
Os Irmãos Karamazov (Dostoiévski)
Crime e Castigo (Dostoiévski)
Guerra e Paz (Tolstoi)
Quincas Borba (Machado de Assis)
Dom Casmurro (Machado de Assis)
Judas, o Obscuro (Thomas Hardy)
O Falecido Mattia Pascal (Pirandello)
Em Busca do Tempo Perdido (Proust)
Ulisses (Joyce)
O Processo (Kafka)
Morte em Veneza (Thomas Mann)
Quer Pasticciaccio Bruto de Via Merulana (Gadda)
A Peste (Camus)
Diário de um Padre de Aldeia (Bernanos)
São Bernardo (Graciliano Ramos)
Fogo Morto (José Lins do Rego)
O Jogo da Amarelinha (Cortázar)
Os Rios Profundos (Arguedas)
Grande Sertão: Veredas (Guimarães Rosa)



Davi Arrigucci Júnior

Dom Quixote (Cervantes)
Tom Jones (Fielding)
Ilusões Perdidas (Balzac)
O Morro dos Ventos Uivantes (Emily Bronte)
A Cartuxa de Parma (Stendhal)
Madame Bovary (Flaubert)
Judas, o Obscuro (Thomas Hardy)
Fortunata y Jacinta (Galdós)
Os Malavoglia (Giovanni Verga)
Os Maias (Eça de Queiroz)
Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis)
Os Irmãos Karamazov (Dostoiévski)
Ana Karenina (Tolstoi)
The Golden Bowl (Henry James)
Em Busca do Tempo Perdido (Proust)
Ulisses (Joyce)
Passeio ao Farol (Virginia Woolf)
A Consciência de Zeno (Italo Svevo)
Doutor Fausto (Thomas Mann)
O Castelo (Kafka)
Lord Jim (Conrad)
Mulheres Apaixonadas (D. H. Lawrence)
Grande Sertão: Veredas (Guimarães Rosa)
O Século das Luzes (Alejo Carpentier)
O Jogo da Amarelinha (Cortázar)

A preferência dos estudantes

Os livros mais lidos pelos estudantes de segundo grau, segundo pesquisa de doutorado realizada em 1988 por Alice Vieira e apresentada à Universidade de São Paulo (USP)



Cai o Pano (Agatha Christie)
Eu, Robô (Isaac Asimov)
Fantoches (Sílvio Simões)
Gente Como a Gente (Judith Guest)
Nem Só de Caviar Vive o Homem (Johannes Mario Simmel)
O Chefão (Mario Puzo)
A Casa dos Dez Negrinhos (Agatha Christie)
O Satânico Dr. No (Ian Fleming)
Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse (Vicente Ibañez)
Os Sete Minutos (Irving Wallace)
O Círculo Matarese (Robert Ludlum)
Pássaros Feridos (Colleen McCullough)
Papillon (Henry Charrière)
Um Estranho no Espelho (Sidney Sheldon)
2001, Uma Odisséia no Espaço (Arthur C. Clarke)

(*) Levantamento feito pela Livraria Informática

tivo é a qualidade do que é publicado”, afirma João Luiz Ceccantini, um dos professores da Unesp envolvidos na pesquisa sobre os estudantes e a literatura.

DIDÁTICOS

Em Assis, no interior de São Paulo, o departamento de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista pesquisou 179 alunos da sétima e oitava séries das escolas estaduais. Na primeira etapa do estudo, os professores pediram aos alunos que escolhessem qualquer livro, lessem e comentassem. Na segunda etapa, os pesquisadores relacionaram 15 títulos; os alunos optaram por um deles e fizeram os mesmos exercícios de interpretação.

“A baixa qualidade dos livros escolhidos na primeira fase surpreendeu a todos”, conta Ceccantini.

Um dos livros preferidos dos estudantes foi *No Ano Passado*, de Lannoy Dorin, um autor que, por sua rapidez de produção e pela qualidade de seu trabalho, é chamado entre os críticos de o Sidney Sheldon da literatura infanto-juvenil. “São livros com histórias muito bobinhas”, avalia Ceccantini. “Esperava que, com a livre escolha, os estudantes optassem por bons textos, diferentes daqueles que são impostos pelos professores.”

Outra revelação da pesquisa: os estudantes não entendem o que lêem, pois se apegam somente às informações objetivas dos livros, aquelas com as quais preenchem as fichas que acompanham as obras. “O entendimento é mecânico: dão valor ao nome de personagens, ao

espaço em que se desenrola a história e acabam deixando de lado a leitura verdadeira, aquela que é cheia de descobertas, que dá prazer”, afirma.

O professor José Marques de Melo, diretor da Escola de Comunicação e Artes da USP e especialista em pesquisa sobre leitura, diz que os dados referentes ao mercado editorial brasileiro permitem uma falsa interpretação. “O que vende muito no Brasil são os livros didáticos e paradidáticos”, conta. Entre os títulos não didáticos usados na escola encontram-se muitas obras do nível das de Lannoy Dorin. Estes livros, curiosamente, têm um cliente garantido: o governo federal os compra para distribuir às escolas públicas.

Para chegar a livros de maior valor literário, os alu-

nos precisam aprender na escola a fazer leituras. “Engana-se quem pensa que ler é apenas fazer a apreensão linguística dos textos”, garante Francisco Savioli, professor da USP que acaba de concluir com João Fiorin o livro *Para Entender o Texto*, editado pela Ática. “É preciso ter protocolos de leitura”, afirma. Ele explica que muitas pessoas rejeitam bons autores, porque, na primeira leitura, não conseguiram entender a mensagem. “Bons autores constroem seu texto utilizando informações veiculadas em outros livros”, teoriza.

“Às vezes, o professor é o culpado por um aluno rejeitar obras de maior profundidade”, acredita Savioli. Segundo ele, um livro tem de ser recomendado ao aluno no momento certo.